

Fóruns Estadão BRASIL COMPETITIVO

País precisa melhorar estrutura econômica

Concorrentes mundiais saem na frente nos quesitos imposto, educação e comércio

Ricardo Leopoldo

Carga tributária menor, abertura comercial mais ampla e eficiência nos gastos públicos em Educação são alguns dos fatores comuns a várias nações com taxas de investimentos bem maiores do que a do Brasil.

O peso dos impostos sobre o Produto Interno Bruto (PIB) na China, por exemplo, foi de 16,1% em 2010 (dado mais recente), enquanto no Brasil alcançou cerca de 34%, destaca o professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (Fea-USP), Simão Silber.

Especialistas ponderam, ainda, que um dos elementos essenciais para ampliar a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) é a produtividade, um elemento que está diretamente relacionado com o conhecimento técnico e escolaridade da população.

“O aproveitamento das despesas oficiais com Educação é altamente questionável. O desempenho dos estudantes de Xangai em matemática é o melhor do

mundo, enquanto no caso do Brasil é um dos piores”, diz Silber.

Na China, a taxa de investimento produtivo em relação ao PIB está ao redor de 40%, enquanto no Brasil caiu de 18,8% para 17,9% do primeiro para o segundo trimestre deste ano. No caso do país asiático, os analistas ressaltam que a população é obrigada a poupar muito mais do que no Brasil, pois lá não há previdência social.

O professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Antonio Correa de Lacerda, destaca que em outros mercados emergentes a relação entre investimento e PIB também é mais elevada do que no Brasil, como na Coreia do Sul, onde supera 30%. O mesmo ocorre na América Latina. No Chile, a taxa de investimento chegou a 23,4% e no México alcançou 21,8% em junho, segundo dados do Barclays.

Há uma boa correlação entre investimentos e avanço do PIB. Em 2011, a China cresceu 9,3%, o Chile avançou 6%, a Coreia do

Sul apresentou uma alta do PIB de 3,6%, marcas superiores aos 2,7% do Brasil no período.

Comércio exterior. Outro elemento que colabora para a ampliação dos investimentos é a abertura comercial. No caso do México, há um processo de redução da dependência das exportações para os Estados Unidos, com a ampliação de acordos com países emergentes, especialmente os asiáticos.

“O México adotou uma política de maior integração de sistemas produtivos em nível internacional em diversas áreas, o que repercute, por exemplo, numa magnitude muito maior de exportações de automóveis do que o Brasil”, comenta a professora da PUC-RJ, Monica Baumgarten de Bolle. No México, as vendas externas de bens e prestação de serviços atingiram 33,1% do PIB no segundo trimestre, enquanto no Brasil chegaram a 12,3%.

“E isso pode até diminuir, pois o governo está adotando medidas protecionistas, com a alegação de proteger a indústria. Tal postura também tende a reduzir a competição empresarial e a busca de avanços de inovação para que tais companhias reduzam custos, pois passam a ter menor concorrência no mercado doméstico”, destaca Monica.

O Chile alcança taxas de investimento e crescimento maiores que a do Brasil por causa de estabilidade de regras para investimentos e política monetária crível conduzida pelo banco central do país, que é independente do governo, ressalta o professor da PUC-RJ e economista-chefe da Opus Gestão de Recursos, José Márcio Camargo.

Ele aponta que o país adotou um amplo programa de privatizações que inclui grande parte do sistema previdenciário e de diversos segmentos produtivos, com exceção do setor de cobre.

“A taxa de poupança é expres-



Taxa. Investimento produtivo equivale a cerca de 40% do PIB na China e a 17,9% no Brasil

siva, o que faz com que uma parte importante dos investimentos seja dedicada a projetos que vão amadurecer muitos anos à frente”, comenta. “É verdade que o país é pequeno e pode ser até avaliado como um microcosmo neoliberal. Contudo, essa forma de conduzir a economia foi mantida pelos presidentes nos últimos 20 anos, entre eles, os socialistas.”

Confiança. Além desses dife-

renciais estruturais que outros países oferecem para impulsionar os investimentos, há um tema também muito relevante para a ampliação dos investimentos: é o bom ambiente de negócios, caracterizado especialmente por uma relação harmônica entre o governo e o setor privado. Mas não é bem isso que ocorre hoje no Brasil, com diversas medidas de confronto que o Poder Executivo vem assumindo com companhias particula-

res, especialmente nos setores de energia elétrica, telecomunicações e bancos.

“Numa conjuntura em que o País precisa de recursos volumosos para tocar projetos de infraestrutura, como rodovias e ferrovias, essas disputas emitem sinais que trazem dúvidas a investidores internacionais sobre se é bom ou não aplicar no Brasil”, comenta o diretor de pesquisa da Nomura Securities, Tony Volpon.